

Texto da autoria do
Capitão de Cavalaria António Manuel Conde Falcão,
comandante da CCav1509/BCav1880

A Razão de um Lema

«ANTES SUOR QUE SANGUE»



ANTES SUOR QUE SANGUE, foi o lema escolhido pela Companhia de Cavalaria 1509, após pouco tempo de permanência na zona do Planalto dos Macondes. Porque surgiu tal lema? Pergunto porque surgiu, pois, nem sequer sempre podemos ter a pretensão de escolher um lema adequado antes de enfrentar a realidade. É certo que quando se deixa a Metrópole apenas uma ideia se deve procurar incutir no espírito de todos «VONTADE». Conseguido esse objectivo tudo o resto será fácil e o lema surgirá traduzido nas mais diversas frases e a maioria das vezes nas máximas mais variadas de indivíduos célebres.

Chegados ao local que nos destinaram, tivemos a sorte de render uma Companhia que bastante experiência possuía deste tipo de guerra, e que num só dia de sobreposição soube esclarecer-nos sobre todas as nossas perguntas, que eram de uma avidez extrema, como se deve calcular. Tinha

desaparecido o espírito académico e assim todos os nossos sentidos se apuraram para num só dia, podermos apreender tudo. Foi essa a inesquecível Companhia de Cavalaria 756. Urgia não só seguir os seus preciosos ensinamentos como também procurar modificar essas formas de actuar quando a situação o exigisse.

Desta forma cônscios das nossas responsabilidades e baseados naquele «Centauro», símbolo do nosso Batalhão, que iniciámos a nossa missão com força de cavalo e inteligência de homem.

É do conhecimento geral que os deslocamentos nas picadas são aqueles que maior perigo oferece às Nossas Tropas e sobretudo no nosso caso, em que donos de uma só picada que nos ligava à sede do Batalhão, permitiam ao inimigo 100% de iniciativa nos deslocamentos de regresso. Tínhamos que deslocar-nos frequentemente nessa picada, visto ser ela o nosso cordão umbilical. Por outro lado, todos os reabastecimentos vindos do Sul eram conduzidos por nós para o Planalto, pela mesma via.

Quase todas as semanas um Grupo de Combate (+) lá seguia rumo ao Planalto, o qual se avistava após a saída do Estacionamento em toda a sua imponência. Parecendo à primeira vista a muitos que esse trajecto seria um agradável passeio à montanha, esses mesmos não poderão avaliar a tensão a que cada militar era sujeito, nem o suor que dos mesmos brotava, nessas oito horas de marcha que a coluna demorava normalmente a cobrir esses 29 km. Como será possível demorar tanto tempo para percorrer tão pequena distância? Perguntarão certamente os gigantes do volante, sobretudo aqueles habituados a uma vida cómoda, se esquecem que no Norte de Moçambique existe guerra e que os engarrafamentos de trânsito são uma pequena contrariedade, comparados com aqueles que

poderão surgir neste teatro de operações, onde muitas vezes andar devagar e com cuidado significa maior segurança e maior velocidade de marcha. É possível até demorar mais tempo, e para tal basta haver a mais pequena alteração.

Jamais esquecerei a minha primeira coluna..., dois dias após a nossa chegada..., em que demorei dezoito horas. Saímos do Estacionamento às 6 horas com duas secções apeadas, uma em segurança e outra em pesquisa do itinerário e as restantes montadas. As secções apeadas seguiam em colunas de marcha. Atendendo ao facto de o capim estar baixo e a visibilidade ser grande a guarda de flanco foi nesse dia desprezada. A coluna lá seguia embora mal, dada a pouca experiência do pessoal, o acanhamento natural e desconfiança admissível de poder existir um inimigo atrás de cada árvore e uma emboscada a cada curva da picada. Nunca o graduado foi tão necessário como nessas primeiras horas em que o exemplo tinha que ser dado, e aos olhos dos militares ele tinha que ser não um homem tímido, mas um chefe destemido. Na coluna motorizada os problemas eram grandes. Os condutores faziam o que podiam, mas inexperientes constantemente deixavam parar a viatura que dado o aquecimento excessivo originado pela pouca velocidade de marcha, se negava por vezes a trabalhar. Até cerca de metade do percurso a coluna avançou com dois unimogs rebocando outros dois, mas precisamente no local que nos tinham indicado como o mais frequentado pelo inimigo nas suas visitas à picada, eis que a viatura pesada avaria. Uma pergunta surgiu então no espírito de todos. Como continuar a marcha? Para mim surgiu o momento da decisão. Recordado do que sempre me tinham dito que valia mais uma má decisão do que uma indecisão fiz montar duas secções nas duas únicas viaturas operacionais, e segui para o Planalto a fim de mais tarde regressar ao local onde deixei as restantes secções sob o comando do Alferes comandante do Grupo de Combate. Felizmente cheguei ao cair da noite e regresssei o mais depressa que me foi possível. Atingido o local, iniciámos a marcha, montados, tendo chegado pelas 24 horas, depois de mais de uma série de avarias.

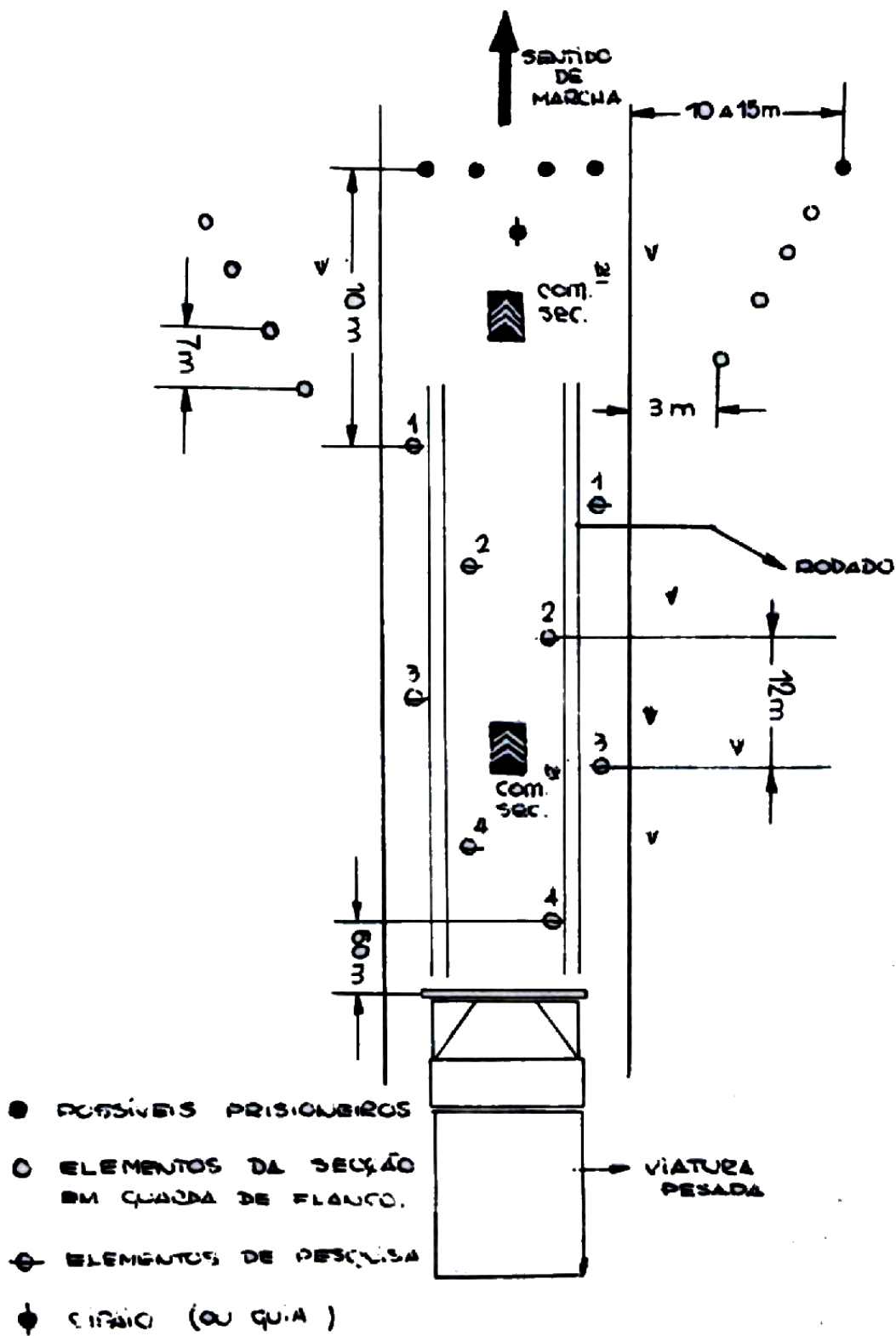
Desde então bateram-se recordes e houve Grupos de Combate apeados a fazer esse percurso em seis horas graças à grande experiência do pessoal em guarda de flanco. O graduado passou a plano secundário e a coluna seguia como um bloco. A 17 de Fevereiro iniciámos a segurança em guarda de flanco e por coincidência uma emboscada estava montada pelo inimigo aguardando a coluna no regresso. Ao sentir-se envolvido, um tiro de pistola foi ouvido e o inimigo retirou deixando os seus vinte abrigos vazios. Transmitiu então o Rádio Tanzânia referências elogiosas para a nossa Companhia a qual designaram pela 2.^a Americana, aconselhando simultaneamente muita prudência aos guerrilheiros com os nossos Grupos de Combate. Foi adoptado então o dispositivo que a seguir indico, não obstante ter havido algumas alterações, quer pela evolução natural das tácticas inimigas, quer sobretudo com a finalidade de não cairmos na rotina.

Possíveis Prisioneiros

Trabalhavam como elementos de pesquisa e aos mesmos eram distribuídos paus com lanças na ponta, com a finalidade de espetar o terreno e detectar possíveis minas. Eram utilizados a toda a largura da picada para pesquisa de minas anti-pessoal colocadas fora dos trilhos das viaturas. Os dois elementos pertencentes à guarda de flanco tinham duas funções específicas: abrir caminho aos elementos da guarda de flanco com o auxílio de uma catana e detectar armadilhas. O guia seguindo imediatamente atrás dos prisioneiros comandava os mesmos às ordens do comandante de secção de guarda de flanco. Com este sistema conseguiu-se, não só uma maior integração dos referidos autóctones, como também formar, por assim dizer, uma pequena milícia, que bastante nos ajudou, ao longo de um ano de permanência na zona, pela sua natural intuição deste tipo de guerra e conhecimentos profundos da zona.

De salientar o facto de nunca nenhum deles ter tentado fugir.

DESCRIÇÃO DO ESQUEMA



Dispositivo

Guarda de Flanco

Composta por uma secção de atiradores dividida em duas esquadras. A formação mais vezes utilizada foi o V pelas seguintes razões:

- 1.º Maior facilidade de ligação com a secção de pesquisa;
- 2.º Maior capacidade de observação e fogo para a frente e lados;
- 3.º Segurança constante;
- 4.º Maior possibilidade de envolvimento.

De início foi utilizada a formação de coluna por um, a qual não resultou sobretudo pela quebra de ligação com a secção de pesquisa. A formação em cunha foi também utilizada apresentando, no entanto, os mesmos inconvenientes.

Nota - Dado o facto dos macondes montarem emboscadas a 3 e a 4 metros esta formação em V era já um envolvimento à retaguarda do dispositivo inimigo, o que originou terem abortado a maior parte dessas emboscadas, nas quais apenas era ouvido um tiro de pistola como sinal de retirada.

O Comandante de Secção deslocando-se na picada conforme o esquema, comandava a sua secção por intermédio de assobios, sendo um para parar e dois para iniciar a marcha.

Secção de Pesquisa

Composta por uma secção de atiradores deslocando-se em coluna de marcha, mantendo distâncias entre si da ordem dos 8 a 9 metros.

Foram utilizados os seguintes processos de detecção de minas:

- Paus com ferros nas pontas;
- Detector de minas (utilizando sempre no rodado do lado do condutor da viatura da frente);
- Ancinhos (nos terrenos arenosos);
- Vista (observando possíveis sinais nas bermas e nas picadas);
- Pé raspando o terreno, sem contudo exercer pressão vertical.

A distribuição destes processos pelos homens era a seguinte:

N.ºs 1 - Utilizavam a vista (os indícios normais eram os seguintes):

- Sinais naturais mas bastante visíveis tais como: árvores de grande porte caídas, pontões, etc.;
- Cortes em árvores;
- Pequenos paus espetados na berma, indicando a posição exacta da mina (este sinal tal como o em conjugação com o primeiro);
- Pegadas nas proximidades (em algumas minas detectadas a posição da mina coincidia com daso desaparecimento repentino das pegadas);
- Dissimulação da mina com folhas

De notar que o inimigo nunca utilizou os terrenos arenosos mas sim aqueles com consistência e com uma ligeira camada de areia a fim de melhor poder disfarçar a posição da mina.

N.ºs 2 - Um deles, o do lado do condutor, utilizava detector de minas e o outro a vista.

Nota - O detector de minas não poderá ser utilizado com grande vantagem nas picadas em que por sistema a Nossa Tropa faça fogo de reconhecimento, por originar uma detecção constante de invólucros.

N.ºs 3 e 4 - Utilizavam paus com ferros nas pontas no terrenos consistentes e ancinhos nos terrenos arenosos.

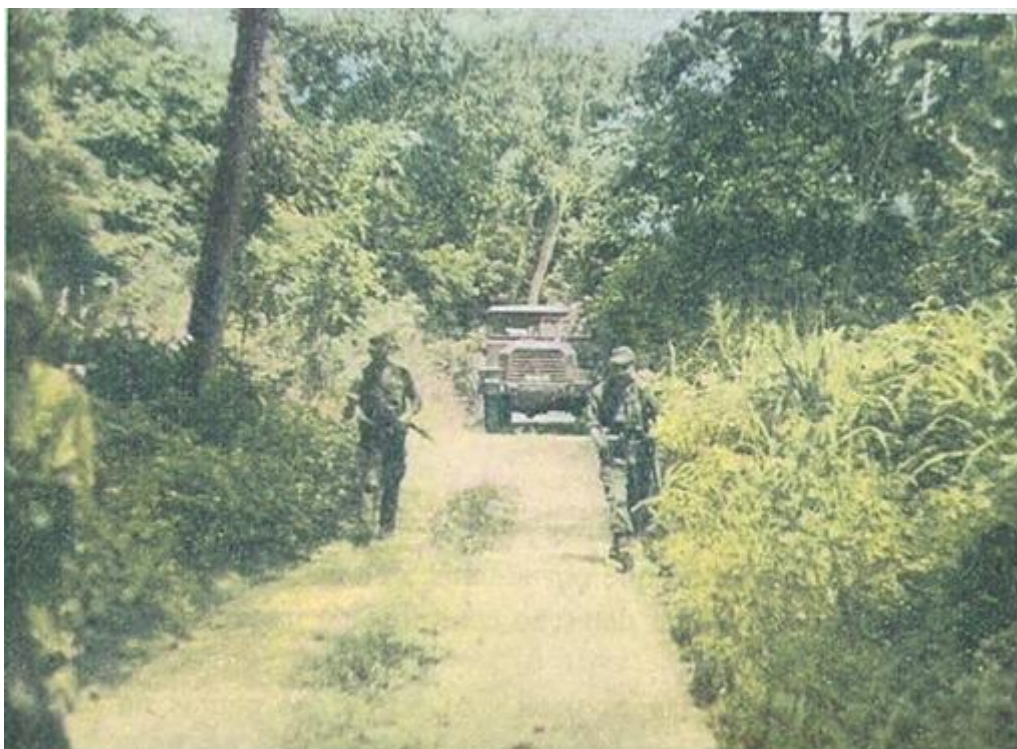
Todos os elementos da secção de pesquisa utilizavam o pé raspando o solo e saliento o facto de todas as minas terem sido detectadas com estes sistema.

Coluna Motorizada

De dispositivo diferente consoante o número de viaturas a escoltar, mas sempre com uma viatura pesada à frente e com quatro viaturas tipo Unimog transportando cada uma, uma esquadra de atiradores.

Conselhos à coluna motorizada:

- Viatura pesada se possível Berliet-Tramagal com atrelado de 1 Ton. c/ areia;
- Pára-brisas abatido sem qualquer capota;
- Condutores com capacete e óculos de protecção;
- Sacos de areia nos Unimogs;
- Pessoal transportado sempre com botas de cabedal;
- Distância entre viaturas da ordem dos 40 a 50 metros;



Pesquisando a picada

- Ligação da coluna da retaguarda para a frente, a qual se poderá conseguir facilmente por intermédio de toque de claxon;

- Se a coluna parar todos os homens devem apeare e montar segurança.

Abortada esta primeira emboscada e ouvidas tais referências do Rádio Tanzânia, a Companhia moralizou-se de tal forma, que eram os militares os primeiros a sugerir a guarda de flanco quando para fugir à rotina se mandava montar.

Estava portanto enraizado em todos o lema.

Em 18 de Março o inimigo tentou nova emboscada a qual preparou com os maiores cuidados. A coluna que regressava de ... utilizava o dispositivo do esquema. Assim, embora a zona de morte tivesse cerca de 100 metros, apenas os dois primeiros homens da guarda de flanco ficaram nela. Esses dois bravos soldados reagiram prontamente tendo o inimigo ripostado, mas em fuga, conseguindo, no entanto, uma baixa [[Alfredo dos Santos Fernandes, Soldado Atirador de Cavalaria, n.º 09658065](#)] nas Nossas Tropas. Batido o local foi capturado armamento e bastante material. Iniciada a marcha, com cuidado da parte da secção de pesquisa, foi detectado e levantado um forninho com cerca de 40 kg de T. N. T. o que faria certamente a detecção à frente, no caso do pessoal seguir montado.

O inimigo, desiludido, tentou nova emboscada no regresso da coluna. Esta foi, no entanto, montada em moldes pouco normais, porquanto ocupavam um terreno em declive para um vale. Desta forma, e embora montados, os tiros passaram por cima das viaturas e com a reacção da Nossa Tropa o inimigo retirou desordenadamente. Mais uma vez a sorte nos bafejou. Para culminar, dois caças apareceram e após a comunicação rápida rádio, foi localizada e bombardeada toda a zona de retirada do inimigo. A propósito, alguém um dia me perguntou: «Quando vocês levam protecção aérea porque não vão montados?» Limitei-me então a dizer: por mais hábeis e destros que sejam os pilotos creio que eles não terão uma vista de tal forma apurada que distingam uma mina enterrada. Mais uma vez o inimigo tinha um forninho com cerca de 40 kg de T. N. T. com pregos e vidros que foi de novo levantado.

Até final da nossa estadia do Norte, o inimigo tentou mais emboscadas, mas em todas se ouviu apenas um tiro de pistola, porque nós continuávamos a acreditar no nosso lema e a segui-lo à risca.

Seguiu-se então o reinado da mina e durante cerca de 9 meses quase só nos preocupávamos com estas. Apenas uma mina rebentou numa viatura Berliet. Aproveitando as inúmeras folhas que se encontravam na picada todos os sistemas de detecção já referidos falharam. Esta foi para nós a tal excepção que confirmou a regra.

«ANTES SUOR QUE SANGUE»

Não quis de modo algum fazer teoria nem tão pouco ensinar algo de novo, pois tudo está escrito, mas apenas aconselhar e tentar demonstrar que não podemos esquecer os ensinamentos que nos deram, só porque é bastante mais cómodo sentarmo-nos numa viatura e deixarmos o barco ao sabor das ondas, como é normal dizer.

Capitão CONDE FALCÃO